

# Cecília Meireles – Elegia a uma pequena borboleta

Como chegavas do casulo,  
– inacabada seda viva –  
tuas antenas – fios soltos  
da trama de que eras tecida,  
e teus olhos, dois grãos da noite  
de onde o teu mistério surgia,

como caíste sobre o mundo  
inábil, na manhã tão clara,  
sem mãe, sem guia, sem conselho,  
e rolavas por uma escada  
como papel, penugem, poeira,  
com mais sonho e silêncio que asas,

minha mão tosca te agarrou  
com uma dura, inocente culpa,  
e é cinza de lua teu corpo,  
meus dedos, sua sepultura.  
Já desfeita e ainda palpitante,  
expiras sem noção nenhuma.

Ó bordado do véu do dia,  
transparente anêmona aérea!  
não leves meu rosto contigo:  
leva o pranto que te celebra,  
no olho precário em que te acabas,  
meu remorso ajoelhado leva!

Choro a tua forma violada,  
miraculosa, alva, divina,  
criatura de pólen, de aragem,  
diáfana pétala da vida!  
Choro ter pesado em teu corpo

que no estame não pesaria.

Choro esta humana insuficiência:

– a confusão dos nossos olhos  
– o selvagem peso do gesto,  
– cegueira – ignorância – remotos  
instintos súbitos – violências  
que o sonho e a graça prostram mortos

Pudesse a etéreos paraísos  
ascender teu leve fantasma,  
e meu coração penitente  
ser a rosa desabrochada  
para servir-te mel e aroma,  
por toda a eternidade escrava!

E as lágrimas que por ti choro  
fossem o orvalho desses campos,  
– os espelhos que refletissem  
– vôo e silêncio – os teus encantos,  
com a ternura humilde e o remorso  
dos meus desacertos humanos!

**Cecilia Meireles, Retrato natural**